

LEITURAS DO CERRADO E DA VIDA NO CONTO “SUA ALMA, SUA PALMA” DE BERNARDO ÉLIS

READINGS FROM THE SAVANNAH AND LIFE IN THE SHORT STORY “YOUR SOUL, YOUR PALM” BY BERNARDO ÉLIS

Divina Pinto Paiva

Universidade Católica de Goiás (PUC)
divinappaiva@gmail.com

Resumo. Este ensaio tem por objetivo, ler aspectos peculiares do sertão apresentado por Bernardo Élis no conto “Sua Alma, sua palma”. Propomos, via teorias das linguísticas do texto – algumas leituras em semioses – focando caminhos de gente com destinos fragmentados e estilhaçados, no oco desse serTÃO. Pessoas TÃO gananciosas, mesquinhas, desonestas, covardes, sem escrúpulos em escritas vivas: MI-SE-RÁ-VEIS. Gente é bicho? Distribuimos, no corpo do ensaio, trechos do conto em estudo para serem lidos a partir de trechos recortados das teorias dos autores que recorremos para a sustentação dos nossos modos de ler e de dizer sobre “Sua Alma, sua palma”. O conto é dividido em três partes marcadas por espaçamento dupla. Pressupomos serem esses vão recursos utilizados pelo autor para marcar o tempo como se este fosse também vau que dá passagem de uma parte para a outra das histórias narradas. Assim, de território a território, as linguagens verbal e não verbal, abrigam possibilidades de leituras, e, nelas, eu me almo em novas aprendizagens. A vida ainda hoje, está atrelada às situações de natureza hostil e inóspita.

Palavras-Chave. Leituras. Gêneros textuais. O cerrado e o garimpo. A vida e a morte.

Abstract. This essay aims to read peculiar aspects of the backlands (‘sertão’) presented by Bernardo Élis in the short story “Your soul, your palm”. We propose via theories of text linguistics some readings in semiosis, focusing on the paths of people with fragmented and shattered destinies in the hollow of this backlands (‘serTÃO’.) People who are SO greedy, petty, dishonest, cowardly, unscrupulous in living writings: MIS.ER.A.BLE ones. Are people animals? We distributed in the body of the essay extracts from the short story under study to be read from extracts cut from the authors' theories that we use to support our ways of reading and saying about “Your Soul, your palm”. The short story is divided into three parts marked by double spacing. We assume that these are vain resources used by the author to mark time as if it were also a ford that gives passage from one part of the narrated stories to the other. Thus, from territory to territory verbal and non-verbal languages harbor possibilities for readings, and in them I enjoy new learning. Life today is still linked to situations of a hostile and inhospitable nature.

Keywords. Readings. Textual genres. The savannah and the mining. Life and death.

INTRODUÇÃO

A pele como superfície de inscrição marca-se desde logo através da vivência espaço-temporal à qual vai sendo exposta.

Maria Augusta Babo

Propomos, neste estudo, realizar leituras a partir dos cotexto e contexto do “Sua Alma, sua palma”, conto de Bernardo Élis, (re)ativando conhecimentos da língua, conhecimentos de mundo, situação de comunicação e outros conhecimentos armazenados em nossa memória e que nos possibilitarão a produção de sentidos. Consideramos que nossa bagagem cognitiva por si mesma já é um contexto e que todo texto é lugar de interação entre sujeitos sociais e “é o componente verbalmente enunciado de um ato de comunicação pertinente a um jogo de atuação comunicativa” (KOCH, 2011, p.60 e 61).

Sabemos que “em uma situação de comunicação, os interlocutores situam o seu dizer em um determinado contexto que é constituinte e constitutivo do próprio dizer – e vão alterando, ajustando ou conservando esse contexto no curso da interação, visando a compreensão” (KOCH, 2015, p.63). O contexto permite estabelecer elos falantes por meio de inferências, na produção de sentido, daí, serem os contextos sociocognitivos pelo menos parcialmente semelhantes entre autor-leitor, no processo de leitura, uma vez que para a produção de sentido, necessário se faz o (re)conhecimento de outro(s) texto(s) – ou do modo de constituí-los (KOCH, 2015, p. 81).

No “Sua Alma, sua palma” queremos compreender o porquê e o para que o autor citou alguma fonte ou a ela fez alusão. Valemo-nos da intertextualidade explícita e implícita – como elemento constituinte e constitutivo do processo de escrita/leitura e da competência metagenérica que nos orientam, na compreensão sobre os gêneros textuais. Os gêneros possuem uma forma de composição e, para além do plano composicional, distinguem-se pelo conteúdo temático e pelo estilo. Bernardo Élis vale-se da hibridização (intertextualidade intergêneros) na escrita do conto em estudo. Assim, para produzir sentidos, enquanto leitores desse conto, levamos em conta: “o vocabulário e a situação de uso, os recursos sintáticos, os blocos textuais e a associação a fatos históricos, políticos, sociais, culturais, o gênero textual, o propósito comunicacional e a situação comunicativa” (KOCH, 2015, p.192).

O conto é dividido em três partes: na passagem da primeira parte para a segunda e desta para a terceira há espaçamento dupla como se esta fosse vau que marca o tempo no garimpo do Jaratataca. Na primeira parte, o autor retrata o cerrado como lugar hostil com plantas rasteiras, muitas com espinhos e garras, chão duro e pedregoso onde duas árvores frondosas, um jequitibá e um pau d'óleo se destacam a dar alimento, abrigo e sombra aos pássaros e animais. Apresenta a região antes de ali haver surgido o garimpo e, também, durante a cata das pedras preciosas e após o esgotamento das lavras. Mostra o cerrado como lugar ermo, desabitado e depois, como o garimpo o fez tornar-se povoado, vilarejo com população de aventureiros que ali chegava em busca de riqueza. O garimpo é mostrado como espaço de riquezas e de misérias... de gente gananciosa e traiçoeira. O garimpo é lugar onde acontecem roubos, mortes, prostituição, violação de direitos humanos, riqueza ilícita. Ali, o humano é estilhaços, corpo agregado de órgãos, mutilado e privado de alma? sopro vital? consciência de si? presença a si próprio? O humano linguagem em semiose – narrativas tecidas uma cultura da pele e do mundo.

Na segunda parte, Erculino, o narrador, se vê na velhice e quer livrar a alma do inferno, por isso, tenta recontar os fatos acontecidos no garimpo, precisa dizer a verdade às pessoas, falar sobre o seu passado, mas é impedido pelos filhos. Diante disso, escreve uma carta e a entrega ao enfermeiro você, transferindo a ele a responsabilidade de divulgar ou não o conteúdo dela. Com essa atitude ele acomodar o remorso.

Na terceira parte, o autor encerra a escrita do conto trazendo a carta que Erculino entregara ao você para que ele decidisse revelar ou não a verdadeira história de Erculino. O gênero textual é uma carta aberta – carta denúncia que vem entre aspas, e, por inferência pressupomos, ao terminarmos a leitura, que fora possivelmente a carta apresentada por Erculino às autoridades quando fez as denúncias sobre os últimos acontecimentos por ele presenciados, no garimpo do Jaratataca. Inferimos isso após a leitura do trecho:

Para mim não restava dúvida que o Inspetor achara as pedras e queria encontrar alguém sobre cujas costas pudesse atirar o furto. Se eu me atribuisse o furto, simplesmente o Inspetor me matava e continuaria com os diamantes, que ninguém o iria denunciar. Se eu culpasse o bobo, certamente que o Inspetor continuaria com os diamantes, mas eu impediria a morte de Saquinho imediatamente (ÉLIS, 1987, p.52).

Mas a vida acaba-se num amontoado de carnes em putrefação, alimento para porcos...

O Cerrado, o Garimpo e as Vidas em Estilhaços

No “Sua Alma, sua palma”, Bernardo,
A vida é chumbo
Estanhos no OCO
do serTÃO,
de todos nós, leituras em arapucas.

Divina Paiva

Em o conto “Sua Alma, sua palma”, Bernardo Élis estampa o cerrado já no primeiro parágrafo e vai descrevendo-o como paisagem agressiva. Vemos destacado, ali naquele ambiente inóspito, um pé de jatobá alto e exuberante, planta jovem e coberta de frutos a explodir sementes, num chão pedregoso e duro. A paisagem vem forrada por plantas rasteiras e enfezadas, cheias de espinhos, descreve o autor, mostrando aos leitores, o quão hostil é aquele ambiente, ali no vau do Jaratataca, onde se destacam duas fontes de sombras, o jatobá e o pau d’óleo. Ele conta que essas árvores serviam de abrigos e pontos de pousos para os pássaros da região e de outros lugares, pássaros em trânsito, aves grandes e agourentas que, muitas vezes, dali eram expulsas pelos pássaros menores às “bicoloradas” (ÉLIS, 1987, p.28). Nesse jeito de dizer as coisas, o narrador que conhece a história do jatobazeiro começa a narrativa fazendo uso de interjeição e de vocativo, dando-nos a impressão de estar a sofrer a dor do companheiro jequitibá. Há certa cumplicidade entre os dois. Fica implícito que o narrador conhece a trajetória da árvore, seu vigor e o seu morrer; conhece as mazelas do garimpo de mica e lascas de cristal, no vau do Jaratataca lugar onde ocorre todas as desgraças do humano em ganâncias e misérias. Os sentimentos afloram no dito e no ainda não dito: “Ei, JATOBAZEIRO!” (ÉLIS, 1987, p. 28).

Ah! O narrador sofre a dor da árvore?

EI, JATOBAZEIRO! Linheiro, mesmo ali no vau do Jaratataca, abrindo lá no céu a cocona verdolenga pintalgada dos frutos castanho-escuro (estojos) que estalavam ao vento de maio. Naquele vale pedregoso e duro, de vegetação enfezada, rasteira, retorcida, em que as folhas se disfarçavam em espinhos, talos, pontas, onde predominavam canela d’emas cascudas, ananás, gravatás e outras bromeliáceas, ou muricizeiros, lobeiras, lixeiras – aquele jatobá e um pau-d’óleo mais pra baixo eram como dois marcos, duas balizas que se destacam de muito longe, muito distante, cá do alto da serra. Eram a bem dizer as duas fontes de sombra no vale quente e faiscante de mica e lascas de cristais de rocha (ÉLIS, 1987, p. 28).

O narrador sofre a dor da árvore e sofre as dores de todos os injustiçados e mortos no ermo vau do Jaratataca. O garimpo narrado é de exploração e de ganância e ignorância e egoísmos; de riquezas e de misérias; de prostituição, traição e mortes; muitas mortes, injustas a maioria delas.

No primeiro período do primeiro parágrafo do conto, o escritor coloca o narrador a rememorar, assim meio alheado, com o olhar vago e perdido nas lembranças e, de repente, como que decidido sobre quais fatos narrar, depois de um leve instante reflexivo, sai desse estado ensimesmado. Conta o quão forte e exuberante era o jatobazeiro e, valendo-se do travessão inicia o diálogo propriamente dito, fazendo uso de metáforas, ironias e outros recursos de linguagem. O chão do cerrado é inóspito, pedregoso, acidentado, coberto por plantas rasteiras, muitas com espinhos nas pontas dos talos e hastes e a região é de garimpo.

Os pássaros de longos voos, não moradores do lugar, mas que por ali passavam, soltando seus “longos pios agourentos, tentando chamar algum companheiro no seu vago desguaritar” (ÉLIS, 1987, p. 28), podem, metaforicamente, ser lidos como sendo pessoas vindas de outras regiões à procura de parentes, de companheiros de garimpo, ou até mesmo, possíveis compradores de pedras preciosas. Os pássaros que por ali pousavam “se detinham naquelas copas, longamente, em descanso, apavorando e espavorindo as aves menores e menos belicosas, enquanto bentivis e passo-pretos caíam em cima do adventício com bicoradas e mergulhos seguidos de gritos e guinchos” Élis (1987, p. 28). Nesse sentido, é que compreendemos que o autor recorre à descrição da natureza: cerrado com animais, vegetação, pássaro e gente para nos contar sobre aquela região de garimpo de mica, cristal e diamantes, focando sobretudo, a exploração humana.

No terceiro parágrafo do “Sua Alma, sua palma”, Élis (1987, p.28) traz a lonjura do tempo daqueles fatos ocorridos: “nos tempos de dantes, assim que foram achados os primeiros diamantes do vale, quando o local era habitado quase exclusivamente pelas fedorentas jaratatacas tão gentis na sua pelagem mimosa de branco e preto” (Élis, 1987, 28 e 29), mamíferos tão temidos pelas onças, lobos e cachorros. Nesse trecho, ao lermos o conto, inferimos que o termo jaratataca é polissêmico. Devido ao mau cheiro que o mamífero inala, o lugar rio de onde se extraíam os diamantes recebe o nome vau do Jaratataca, e, ali, os corpos mortos a tiros pelos garimpeiros fedem em putrefação. O cerrado fica oco por abrigar almas sem asas?

Quando se espalhou a notícia de que naquele garimpo havia sido encontradas pedras preciosas, o vau do Jaratataca ficou famoso e, ali, apareceu gente de todos os lugares: “[...] com enxadas, canivetes, picaretas, pás, facões, ralos, carrinhos-de-mão ou coro de boi, surgiram dezenas de ranchos, o garimpo de jaratataca ganhou fama, seu renome enchia o sertão por inteiro atraindo garimpeiros e aventureiros.” Os pássaros foram substituídos por “pequenos aviões transportando os capangueiros, as jaratatacas, calangos e preás foram trocados por burros, bois, cargueiros, carros de bois, automóveis, caminhões” (ÉLIS, 1987, p. 29). Em decorrência disso,

ao canto de passo-preto, guaxes e tem-gente-de-fora-aí, sucederam-se estampidos de revólver, sons de sanfona, viola, rádio e eletrola, socar de pilão e refrigerar de frituras, tudo tocando dia e noite num borburinho que se ouvia desde muito afastado, enquanto as gemas apareciam, eram vendidas por uma tutaméia, os garimpeiros gozavam alguns momentos de glória, de fama e de fastígio, retornando a seguir a sua mesquinha e anônima miséria. (ÉLIS, 1987, p.29)

O Garimpo e as Semióticas das Mortes

A maneira como o narrador do conto de Bernardo Élis descreve Saquinho expõe a posição crítica sobre os maus-tratos, malvadezas e rigores que golpeavam os pobres e os lanhados do Sertão goiano

Ricardo Assis Gonçalves

No garimpo do Jaratataca houve glória, fama, fastígio, miséria e mortes. Retomando o que dissemos, enfatizamos, que no conto em análise, o narrador metaforicamente, relaciona o cheiro das jaratatacas, mamíferos que expõem fétido mijo para livrarem-se de seus predadores, ao odor que inalava dos corpos dos garimpeiros quando estes eram mortos a tiros depois de serem amarrados ao jequitibá, sob ordens do Inspetor de Quarteirão, ali no vau do Jaratataca. “Jaratataca! como era horrível, só de falar a gente já sentia o fedor desgraçado do bicho” (ÉLIS, 1987, p. 29). Nesse trecho do conto, o termo jaratataca é bicho, lugar e gente, ambos a cheirar mal; o primeiro por expelir um líquido fétido do corpo e atirá-lo contra seus predadores, o segundo por ser lugar de garimpo e terceiro, o homem em putrefação quando amarrado ao tronco da árvore, em detrimento das leis de mandos e desmandos do inspetor do local e morto e largado às moscas, aos urubus, cães e porcos.

O primeiro ser humano a ser morto ali, no vau do Jaratataca foi o alguém, pessoa acusada de furto por um tal Jó do Joca. Pressupomos que o álibi fora inventado pelo Inspetor de Quarteirão somente para se livrar do sujeito. Ao mandar amarrar o Alguém naquela árvore, sob a acusação de ele haver furtado um punhado de farinha e um pedaço de rapadura, durante à noite à beira do rio, abre-se no vau, um irracional espaço de chacina e carniça. A denúncia feita a alguém pelo acusador Jó do Joca e, que este depois roubou e fugiu, pode ser falsa. Parece ter sido inventada pelo próprio Inspetor de Quarteirão, pressupomos isso ao lermos o trecho:

É que ao belo vegetal, logo no início do garimpo, amarraram alguém e quem amarrou foi o Inspetor de Quarteirão que até hoje tá aí. Esse alguém teria sido o verdadeiro ladrão de um punhado de farinha ou pedaço de rapadura que um vago Jó do Joca diz que largou numa noite beira-rio? Diziam que sim, diziam que não. O maior acusador do alguém, o tal Jó do Joca, ao depois se soube que roubou e fugiu do lugar, resultando em improficuas as buscas que efetuou o Inspetor de Quarteirão no afã de o prender. Mas ao tempo, ainda ninguém conhecia ele e sua acusação foi assim tão firme, tão danada, que o Inspetor mandou amarrar o alguém (que lutou demais) no tronco linheiro do jatobazeiro, num sábado pela manhã (ÉLIS, 1987, p.30).

O “alguém” ficou preso no tronco, ao sol desde manhãzinha e, à tarde foi morto pelos garimpeiros que nem o conheciam. Naquele sábado, quando vinham do garimpo para o povoado buscar suprir os mantimentos que faltavam no acampamento e, também, vender as pedras de diamantes encontradas durante a semana, os garimpeiros o mataram pelo simples gosto de descarregar suas armas de fogo.

Sol descambando, à proporção que os garimpeiros vinham chegando para a corrutela mode vender as pedras garimpadas ou renovar as provisões, à proporção que iam beirando o vau, como que obedecendo a uma determinação de lei, iam descarregando suas armas no homem ali amarrado: carabinas, clavinotes, velhas espingardas de Braga, de carregar pela boca, aqueles trabucos que quando disparavam deixavam um círculo de fumaça que se ia abrindo nos ares, crescendo e diminuindo. No outro dia, ao pé do jatobazeiro restava um monte moído e sangrento ao qual acorreram instantaneamente moscas de um azul de pedra rara, zumbidoras e velozes, que logo foram espantadas pelos cães famintos e alguns porcos, [...] (Élis, 1987, p.30).

Há ironia quando o autor escreve que o azul das moscas que estavam chegando até o corpo do homem inocente e moído a bala, já apresentando sinais de decomposição, era de pedra rara. As “moscas de um azul de pedra rara” (ÉLIS, 1987, p.), pode ser alusão à pedra lápis lazuli derivada de diversos minerais e com valor de espiritualidade, metáfora

de anjos a buscarem dos restos do morto, a alma para depositá-la no azul das tumbas do céu? Talvez!

Nessas leituras em semioses estabelecemos alguns sentidos e significâncias do feio - lendo as misérias do humano desabitado do belo: valores, respeito... No grotesco das imagens construídas – as moscas que cobriam o corpo do morto com um manto branco de varejeira, preparando-o para o cortejo de cães e porcos, podem ser uma bela imagem. Nessa atitude, elas são anjos a conduzirem a alma do Alguém, abrindo assim, frestas nos vãos dos céus. Nas cenas, o feio aparece nas imagens do corpo em putrefação, material sinestésico de odor e náusea. Há ironias e sarcasmos.

“[...] a todo momento da nossa vida, de modo incessante, se desencadeiam e emergem conteúdo que interpretamos a partir do que ouvimos, vemos, saboreamos, inteligimos, lembramos ou tacteamos. Viver é, pois, basicamente um acto contínuo e ilimitado de “ler” e interpretar redes de significados a partir de todas as expressões do mudo circundante, endógeno e cerebral; [...]” (CARMELO, 2001, p.30).

Jaratatacas em decorrência do garimpo passou a ser um lugar famoso e, na opinião de um político que passou pelo local a pedir votos, precisava de nome novo, talvez El Dourado, talvez Itaberabetê. Que ironia! O juiz acatou a sugestão de se dar um nome novo ao vau do Jaratataca, escolheu PacTOLO, mas o nome novo não vigorou e prevaleceu o antigo.

A justificativa dada por não haver vingado é o esgotamento das pedras preciosas.

Quando o garimpo, ainda prosperava no Jaratataca, os tiros publicavam a alegria de retorno à vida, alegria de “topar conhecidos, receber cartas e avisos de parentes distantes, ouvir música de sanfona e vitrola, beber cachaça e comer coisa cozida com tempero; era o inefável gozo de ver, sentir, cheirar uma mulher-fêmea, uma daquelas prostitutas desdentadas, imundas [...]” (ÉLIS, 1987, p.). Os tiros publicavam a alegria de uns e a desgraça de outros. Pessoas inocentes amarradas ao jequitibá para serem mortas e largadas aos pés da árvore, para alimentos de outros bichos. Mataram uma prostituta que desobedeceu às ordens dadas pelo Inspetor de Quarteirão.

Só de sábado a partir das onze horas até o meio dia de domingo permitia o Inspetor de Quarteirão que as prostitutas ficassem no garimpo. A partir daí enxotava-as com pauladas, pescoções, pontapés pois num vê vossimicê que cum esse capeta aí solto garimpeiro nenhum ia pegar no duro da garimpagem na segunda-feira demenhã e desse jeito o lugar nu ia progredir, como requer o estatuto do progresso. Porrete nelas, minha gente! ÉLIS, 1987, p.31)

Eh! Havia prostituição e muita falta de higiene e doenças venéreas e maus tratos às mulheres com pauladas, pescoções, pontapés e mortes. Havia muita violência aos desvalidos. Havia injustiças. Havia...

Almas ao Averso, asas em quedas...

Abre-se no céu o templo da Tenda do Testemunho e os anjos das sete pragas carregando sete taças cheias de ira divina mais uma vez espalham morte e terror e úlceras malignas.

Humberto Eco

Os bobos eram mortos por não saberem e nem poderem se defender? No vau do Jaratataca os bobos são anjos azuis? O vau é do tempo, purgatório do inferno?

V

A

U!

No oco do céu estão todos os inocentes que foram amarrados e mortos feito Cristo? A espaçafação é, no “Sua Alma, sua palma”, espaço duplo, vau para se atravessar no tempo e no espaço questões de consciência, violências e remorsos. Em Erculino, desconforto puramente intuitivo e, confessadamente vago. Você é o personagem que receberá a incumbência de ajudá-lo, no vau do tempo, a se libertar da danação dos infernos: consciência atordoada. Que ironia! Ele, o tal guardador de sábado, aquele Evangelista que chegara jovem no vau do Jaratataca com a intenção de guardar almas...

Erculino era um jovem solteiro, rapaz recém convertido a uma seita protestante (que ninguém o deixe ouvir a qualificação de seita!) conhecida como “Evangelista da Derradeira Hora do Sétimo Dia”, guardadores dos sábados e que ali está a fim de conquistar as almas ao inferno e à danação eterna, amém (ÉLIS, 1987, p.30).

Ironia: “guardadores dos sábados e que ali está a fim de conquistar as almas ao inferno e à danação eterna” (ÉLIS, 1987, p. 30). Nesse trecho está o embrião do conflito: o pastor condena à morte um bobo inocente e a história segue seu curso num desfecho em abertos vãos das linguagens? Pode ser, “A significação das nossas palavras deve assim depender não só daquilo que dizemos, mas também do que nós somos e do que esperamos

que os nossos interlocutores saibam” diz Rosaldo, ao ser citada por (RAJAGOPALAN, 2010, p.53).

Então, retomando a leitura, vimos que na marca: espaçafação, espaço duplo, o tempo é tempo-espaço vau que dá passagem para a acomodação da consciência de Erculino. O vau também é o rio em polissemias... Erculino agora está velho, doente e tenta atravessar a alma, no vau? Suas angústias, os seus conflitos... estaria ele louco? Os filhos o obrigam a não parar com a medicação que ele recusa a tomar, por se considerar sadio. Mas os filhos...

- Que sadio, meu pai! Então é normal que o senhor agora, depois de tantos e tantos anos, venha a se preocupar assim tão poderosamente com um acontecimento de 35 anos passados! Está certo uma coisa dessa? É possível que o senhor se julgue um covarde, o senhor que foi justamente o contrário disso, um homem valente, corajoso, honesto... Não! É um absurdo! (ÉLIS, 1987, p.36).

Erculino insiste que precisava dizer a todos que “não era valente, nem corajoso, nem honesto, como supunham. Precisava mostrar o que sempre fora: um simulado, um fraco, um hipócrita, um ser acomodaticio” (ÉLIS, 1987, p.37). Nesse ponto, a filha chega para dizer ao pai que, se ele nunca contrapôs ao que disseram os jornais sobre o malfeitor perigoso que ele, que Erculino enfrentou e matou no garimpo do Jaratataca, e que não tendo ele contestando nada durante todos esses anos, não era agora depois de 35 anos que ele o faria. Nesse contexto discursivo, filha e pai instigam o leitor a ativar mecanismos de “recontextualização, a fim de resolver problemas como ambiguidade e vagueza” (RAJAGOPALAN, 2010, p.41) do virá a ser dito. Você, o enfermeiro, estava esquecido de sua função ali e ficou embevecido a ouvir sobre as importantes funções políticas exercidas pelo velho Erculino, rico, perigoso, matreiro e cruel que escondia uma natureza gelada de calculista objetivo e obstinado? Seria ele capaz de matar, de roubar? Mas Erculino “não era nenhum valente coisa nenhuma. Que ele, no garimpo da Jaratataca, agiu como um covarde ajudando no assassinato não de um malfeitor terrível, mas de um pobre débil mental inocente e incapaz de defesa” (ÉLIS, 1987, p.38-39).

Então, Erculino, após tentativas frustradas de livrar a alma do inferno, arrependendo-se a tempo do que fez, e, por não querer “morrer sem levar para dentro da cova o sentimento de culpa de haver concordado em que fosse considerado como verdade uma mentira tão sórdida” (ÉLIS, 1987, p.41), vendo-se impedido pelos filhos de revelar seu segredo às pessoas, entrega ao enfermeiro uma carta onde confessa tudo. Deixa ao

Você, a incumbência de guardar ou divulgar a verdadeira história. Nessa atitude, mais uma se percebe que Erculino transfere a outrem a responsabilidade dos seus atos.

Você, o enfermeiro, volta para o trabalho e, naquele dia, dentre as pessoas que estiveram na farmácia, há, também, um Delegado de polícia. Ele vai tomar injeção, mas desiste e é por medo. A partir disso, a história continua após nova espaçafação e, desta vez, é para que a carta seja lida. Nesse gênero textual carta, Erculino conta como foi parar no Jaratataca. Apresenta-se, dizendo que havia sido predestinado por Deus a salvar as almas dos pecadores do inferno, naquele no vau (região de garimpo).

Sou um eleito, é Deus que me chama, tenho que partir pelo mundo afora em busca dos pecadores, dos transviados, dos maus de coração, para lhes dizer que o inferno os espera, que a danação eterna será o seu prêmio, caso não se arrependam em tempo. Tenho que começar logo minha missão e vou iniciar pelo garimpo de Jaratataca. Sei que lá reina a ambição do dinheiro, dos prazeres. Sei que aí é a nova Babilônia do pecado: é a inveja, a ganância, a luxúria, a traição. Deus está me apontando a Jaratataca! (ÉLIS, 1987, p.42)

E, se Jaratataca era a nova Babilônia do pecado, lugar de inveja, ganância, luxúria, traição, e se Erculino se sentiu escolhido por Deus para livrar as almas da danação do inferno, nessa nova Babilônia - alusão à antiga e próspera Babilônia, símbolo da corrupção espiritual que Deus usou para castigar e punir seu povo desobediente - Erculino foi castigado, porque também ele, errou. Seria ele o ladrão dos diamantes? Podemos inferir, mas é vaga essa resposta.

A Carta...

- Não conhece a sentença a que foi condenado?
- Não [...] Seria inútil dar-lha a conhecer, pois vai apre(e)ndê-la no próprio corpo.

Frans Kafka

No discurso jurídico ou do direito, há muitos tipos de carta. Podemos denominar de carta branca a que estamos a ler agora, se se considerarmos que ela dá autorização e, com plenos poderes conferidos a alguém para agir do modo que julgar melhor. Inferimos isso ao considerarmos o trecho da carta: “Se eu me atribuísse o furto, simplesmente o Inspetor me matava e continuaria com os diamantes, que ninguém o iria denunciar. Se eu culpasse o bobo, certamente que o Inspetor continuaria com os diamantes, mas eu impediria a morte de Saquinho imediatamente” (ÉLIS, 1987, p.52).

As considerações teóricas sobre o gênero textual carta, feitas por Kaufman e Rodriguez citados por Köche, (2012, p.2) são as de que “a carta contém acontecimentos, emoções e sentimentos, experimentados por um emissor como “cúmplice”, isto é, como um sujeito comprometido afetivamente nessa situação de comunicação, capaz de extrair a dimensão expressiva da mensagem.” Erculino vale-se de linguagem espontânea com marcas de oralidade para relatar fatos, apresentando indícios e versões sobre o episódio: roubo do picuá de diamantes de Brisdo. Descreve o garimpo desde o início quando no vau do Jaratataca começou a cata das primeiras pedras preciosas, denunciando a ganância, a fome e as misérias da população daquele garimpo. Apresenta o Inspetor do Quarteirão como sendo o senhor de tudo e de todos, homem inteligente, astuto, ambicioso, oportunista, mau, desonesto e sem escrúpulos que age “ao sentir que o garimpo está acabando e que com ele também acabará sua oportunidade de enriquecimento” (Élis, 1987, p.43).

Narra sobre a obstinação que tinha em querer livrar as almas da danação do inferno. Mal sabia ele que o inferno pode estar em qualquer lugar, e, ele próprio caiu nesse enleio. Ao chegar ao Jaratataca, o seu pouco interesse pelos valores terrenos o garantiu estima e respeito por parte do Inspetor que lhe cedeu um rancho e as refeições, mas não o livrou das acusações de roubo e quase morte. Erculino conta que no quinto dia que estava no garimpo, convencido de que não deveria continuar ali, quando ia solicitar do Inspetor “um animal arreado que o levasse de volta” (ÉLIS, 1987, p.), recebeu dele um chamado urgente que o levou às trevas do inferno. Erculino deveria acompanhar o Inspetor numa inspeção do roubo dos diamantes de Brisdo, o garimpeiro que tivera as pedras roubadas no rio enquanto lá se lavava. Os três homens vão ao local do furto e, a busca se torna tensa. Depois de dar o sinal combinado entre eles, chegam correndo até o local onde se encontrava o Inspetor que “mascava em seco e nada respondia, fechando cada vez mais a feição de si já tão soturna. Vez por outra, como que dava uma guinada na cabeça, imitante cachorro espantando mosquito em começo das águas, sei lá, bichofera” (ÉLIS, 1987, 47). Aquela situação leva Erculino a comparar o Inspetor ao demônio relembrando palavras que ele próprio havia proferido: “diamante anda de toada de par com o sujo” (ÉLIS, 1987, 47). Indaga se não seria o demônio que estaria ali na figura do Inspetor, sente vontade de gritar, de chamar pelo Inspetor que talvez estraria indo córrego abaixo à procura dos diamantes, estando ali o demônio na figura dele para induzir ao erro e ao pecado.

E se a gente gritasse, fizesse o sinal da cruz, se... Olha o ombro, o jeito de andar... Na nossa frente lá ia o Inspetor, mas nada tinha de homem resoluto, forte, arrogante que ele era. Na nossa frente ia um molambo, um homem trôpego como que bêbado, certinho a figura do diabo, até o cheiro, soltava um cheiro de chifre queimado, cheiro de... Estávamos chegando no vau, nisso o Inspetor deu aquele pincho em riba do bobo que lá estava de pé, de parêla com o pé de jatobá:
- tá aqui o ladrão. Entrega essas pedras, ladrão dos infernos, entrega as pedra! (ÉLIS, 197, p.48).

No início até pensaram fosse brincadeira, coisa inventada para fazer graça, mas o Inspetor ao dar um murro na cara de Saquinho, aos gritos mais horrorosos, assustando a todos eles, deixa claro o seu descontrolo emocional.

O débil recuava desajeitadamente, tenta correr, mas o Inspetor, numa agilidade que ninguém supunha, lhe dá uma rasteira, derruba-o ao galgar o pequeno barranco de areia e up e vup e hum e hã, monta-lhe na barriga, abarca seu pescoço com as mãos ambas, e up e vup e hum e ai e ou, que eu, que oi. O bobo está tomado de pavor. Compreende que não se trata de simples brincadeira. Grita, chora, engasga, e baba e sopra, implora a piedade de Brisdo, pede a mim que acuda, que o estão matando (ÉLIS, 1987, p.48).

Brisdo fica imóvel com mil indagações se processando em seu cérebro sobre a conduta do bobo e a atitude do Inspetor que está “transtornado, e debaixo dele o bobo sangra, tem os beiços partidos pelos socos, o nariz também escorre muito sangue, ele não resiste e já espinoteia por baixo da bunda do Inspetor, esforçando-se por respirar, por beber o ar que o inspetor lhe nega através do enforcamento” (ÉLIS, 1987, p.48).

Erculino conta que grita com o Inspetor para deixar o bobo, dizendo que este não é ladrão. O bobo está na mira do revólver do Inspetor que exige dele a confissão do furto dos diamantes. Erculino avança para o Inspetor, procurando tomar-lhe a arma, e, quando dá por fé de si, está ele próprio após algumas discussões e ponderações a respeito da inocência do bobo, na mira do revólver do Inspetor, sendo agora ele o acusado pelo furto. É que Erculino havia dito “só porque o bobo apareceu naquele momento então tinha forçosamente que ser ele o ladrão? Não. Isso não era prova nenhuma. Se fosse assim, eu e o Brisdo tínhamos o direito de acusar a ele Inspetor” (ÉLIS, 1987, p.50). Houve argumentações a respeito da incoerência dos sinais emitidos pelo Inspetor, sinais estes que seriam dados quando os diamantes fossem encontrados. Naquele instante, Brisdo, como que saindo de um estado de letargia, acusa o Inspetor e exige dele a devolução dos diamantes. Como da outra vez, o Inspetor não respondeu de vez; catou o chapéu limpou dele os gravetos e a areia. Foi ao rio, bebeu água atirando-a com as mãos à boca. Calçou

as alpercatas e se dirigiu ao Erculino com a arma imbicada no coração dele. O homem sentiu-se empalidecer, os joelhos vergarem e corpo inteiro começou a tremer. Notou que o Inspetor também não estava calmo e que tinha as feições brancas em expressões de defunto. A boca num cuspe viscoso, a voz baixa, baixa demais para se alterar de uma vez e descontrolada a dizer:

- Muito certo. Do jeito que você diz que fui eu que peguei o picuá, eu, Joaquim dos Santos, Inspetor do Quarteirão da Jaratataca estou dizendo que o ladrão é você, ouviu! Você ficou aqui, você achou o picuá e agora está sentindo remorso por deixar o bobo pagar pelo pecado que você cometeu... ocê robô, protestantim de merda! (ÉLIS, 1987, p.50).

Assim, Erculino se defende e busca apoio em Brisdo. Queria que ele intervisse a seu favor, mas do seu lugar “Brisdo fechou a carranca, coçou-se na cabeça e no cotovelo e eu pude notar que o miserável do Brisdo confiava mais no Inspetor do que em mim. O Inspetor era seu conhecido de muitos anos, era o todo poderoso senhor da região. Eu, que era eu?” (ÉLIS, 1987, p.51). Era um jovem protestante recém-chegado, desconhecido e de quem Brisdo nada conhecia e “já desconfiava por ser um forasteiro, um protestante. Então protestante não era gente que brigava com os padres, não era gente herege! Protestante, quá!” (ÉLIS, 1987, p. 51). Tal qual o bobo ele também era um ninguém e se via diante do Inspetor a lhe dizer: “tu é que pegou as pidrim, seu cachorro! Tu vai pro jatobá e é nestatorica, viu... [...]

– Mas você não disse que foi o bobo. Se foi o bobo não pode ter sido eu, siô! Ou eu ou ele.?

- Foi ele e foi tu. Os dois de combinação...” (ÉLIS, 1987, p.51).

O Inspetor pede ao bobo para ajudá-lo a amarrar Erculino ao jatobá, chama Brisdo e manda-o buscar o sedém atrás da porta lá na venda, dizendo que ele sabia onde estava. Apressa-o e diz que o protestantinho não tardaria a contar tudo. Depois de quase enforcado por Saquinho, Erculino conta que resolveu dar um golpe no estômago de Saquinho com um dos joelhos, no que pode raciocinar deduzindo haver sido o Inspetor quem furtara os diamantes e queria a qualquer custo arranjar um culpado pelo furto. Pensou que se se deixasse morrer ninguém iria denunciar o Inspetor pelo roubo das pedras. E, se culpasse o bobo, o Inspetor ficaria com as pedras, mas Erculino teria tempo de salvar Saquinho da morte antes que os garimpeiros, no sábado, vissem ao povoado. Deixaria o Inspetor amarra o bobo na árvore, voltar para a venda, acalmar-se, sentir-se seguro de que ninguém desconfiava dele e, de noite, iria procurá-lo e convencê-lo do

enorme pecado que ele cometeria se matasse o idiota. Saquinho era um imbecil, um irresponsável pelos seus atos. Ia, assim, raciocinando mais em defesa da própria pele, do que pela pele do bobo, diz o narrador, e, resolutamente, respondeu que fora Saquinho o ladrão das pedras. O Inspetor ri ironicamente, e diz a Brisdo para entregar ao protestante o sedém porque era ele quem fazia questão de amarrar o bobo. Saquinho não ofereceu resistência, estende os pulsos, talvez por acreditar em Erculino não faria mal a ele. Naquele instante, o Inspetor desfere um golpe na cabeça do bobo com o revólver, derrubando-o ao chão. Brisdo, a mando do Inspetor o arrasta e, “no jatobá que negrejava junto ao corgo cujas águas pareciam tão apetitosas ao bobo, tão frescas, tão deliciosas” (ÉLIS, 1987, p.53), ali, Erculino o amarra. Preso ao tronco muito grosso, cascudo e croquento, Saquinho pede que não o mate, que ele não havia feito nada de mau, ele só estava a depenar o passarinho. Uma vez amarrado, o Inspetor exige a retirada de Erculino e Brisdo ali da árvore, e, “de repente, tudo calou: foi um silêncio quente como o silêncio de um fruto amadurecendo, de um grão germinando, de um vazio, talvez um cochilão. De começo não me atinei que fosse quieteza. Pareceu-me antes um desmaio...” (ÉLIS, 1987, p.55). Estava “do outro lado do Jaratataca, de joelhos, com a carabina apontada, o vulto de um homem. Um tiro ecoou e logo gritos de vitória e de alegria partiram de Brisdo e do Inspetor que também ergueu o revólver e disparou seis tiros” (ÉLIS, 1987, p.55). O narrador termina a escrita da carta dizendo que até hoje, por mais que ele se esforce, ele não consegue reconstituir como tudo se passou” (ÉLIS, 1987, p.55). No conto, a carta é apresentada ao leitor estando entre aspas.

Assim, nessa correspondência, o narrador apresenta os episódios ocorridos, escrevendo frases inacabadas, com reticências, que habilitam múltiplas interpretações, na tentativa de concluí-las. Apresenta as perguntas feitas pelo Inspetor de Quarteirão, que já encerravam respostas; faz uso de pontos de exclamação para dar ênfase a determinadas expressões, refletindo preocupação e dúvida. Na carta, Erculino declara culpa, dor e remorso por haver concordado de que Saquinho era quem havia furtado os diamantes, mesmo sabendo ser ele inocente.

Bobo é gente?

No visgo da baba pegajosa pode estar o nojo, o não ter lugar de ser e de se fazer gente. Meireles (2014, p.187 e 190) denuncia que os bobos “são destituídos de condições

de seres humanos. São ‘estragados’, ‘frutos do pecado’, ‘restos’ [...] Seus corpos adultos-infantis – baixa estatura, adornados por indumentária pueril, feições de Quassímono – escancaram sua fragilidade”. A feiura machuca os olhos? Não há dúvida.

No fundo, o homem se espelha nas coisas, considera belo tudo o que devolve a sua imagem. (...) O feio é entendido como sinal e sintoma de degenerescência (...) Cada indício de esgotamento, de peso, de sensibilidade, de cansaço, toda espécie de falta de liberdade, como a convulsão, como a paralisia, sobretudo, o cheiro, a cor, a forma da dissolução da decomposição (...) tudo provoca a mesma reação: o juízo de valor ‘feio’. (...) O que odeia aí o ser humano? Não há dúvida: o declínio de seu “tipo” (ECO, 2014, p. 15).

Assim, o bobo ‘era um espelho que refletia, cruelmente sincero, as feições hediondas da sociedade desordenada e incompleta’ diz Herculano ao ser citado por Meireles (2014, p.35). O feio é “o desfiguramento, a deformação (o mesquinho, o débil, o vil, o banal, o casual e o arbitrário, o tosco), as várias formas de repugnante (o desajeitado, o morto e o vazio, o horrendo e o insosso...)” (ECO, 2014, p.16).

Saquinho era meio imbecil, muito conhecido de todos. Antigamente chegara a trabalhar nas catas, mas agora não tinha serviço para ele, que vivia sem que ninguém pudesse atinar como. Diziam que se alimentava de moscas, tanajuras, filhotes de cumim, brotos de algumas plantas silvestres que só ele conhecia, que a avó ou o avô era bugre obrigado a trabalhar amarrado no laço mode não fugir. (ÉLIS, 1978, p. 79-80).

Ironia. O bobo designado a um não-lugar foi condenado à morte pelo “escolhido de Deus”: “Sou um eleito, é Deus eu que me chama, tenho que partir pelo mundo a fora em busca dos pecadores, dos transviados, dos maus de coração, para dizer que o inferno os espera, que a danação eterna será um prêmio, caso não se arrependa em tempo” (ÉLIS, 1987, p.42). Jaratataca é a “nova Balilônia do pecado: é a inveja, a ganância, a luxúria, a traição [...] Jaratataca está fora de qualquer noção de bem ou de mal. Como senhor absoluto de tudo e de todos lá está o Inspetor de Quarteirão, inteligente, astuto, ambicioso (ÉLIS, 1987, p.42), sem escrúpulo.

Jaratataca é lugar de “Atraso, prostituição, brutalidade, contrabando, alcoolismo e devaneios [...] adjetivos que sempre pairaram sobre estes sujeitos sociais e os espaços de sua lavra comum, o garimpo. (GONÇALVES, 2020, p.101).

Com essas leituras, abrimos espaço para o desfecho desse estudo...

Considerações Finais

Vimos que gente é bicho e, às vezes, muito pior que bicho. Gente tem os destinos fragmentados e estilhaçados, no oco desse serTÃO, terra de exploração, de miséria e abandono, estando nos contextos do conto “Sua Alma, sua palma” de Bernardo Élis. Ali, pessoas TÃO gananciosas, mesquinhas, desonestas, covardes, sem escrúpulos e mostradas em escritas vivas, são MI-SE-RÁ-VEIS. No conto o tempo é passagem para os territórios das linguagens verbal e não verbal, espaço e personagens e... Está a abrigar possibilidades de leituras novas sempre novas. A vida está atrelada às situações de natureza hostil e inóspita.

No início desse estudo, vimos que o narrador sofre não a dor da árvore, mas a dor de ele ter culpabilizado e amarrado e condenado à morte um débil mental. Ali, num jogo de cumplicidades com as histórias do jequitibá, Erculino rememora instantes de conflitos quando optara por salvar a própria pele, acusando um inocente de furto. Saquinho era bobo indefensável e fora acusado e amarrado por Erculino ao tronco grosso e cascudo do jequitibá e, ali, morto pelo garimpeiro Paratudo que tinha por convicção de que ajudado por Nossa Senhora mataria alguém no jatobazeiro. “Para fazer pelo seu onde, agora Paratudo tá vino pro vau na sexta-feira, chega ali em antes das quatro horas da tarde e fica vigiando se o Inspetor de Quarteirão amarra alguém no pé de pau, para matar. Agora, ninguém mais tira a sua vezada” (ÉLIS, 197, p. 33).

Assim, nas leituras que realizamos, a construção de sentido está além das pistas e sinalizações que o texto nos ofereceu. Recorremos aos conhecimentos de mundo que acumulamos ao longo da nossa existência e a diversos outros conhecimentos: semióticos, pragmáticos etc. O conto “Sua Alma, sua palma” é um gênero textual que abriga outros gêneros textuais, sendo a carta o principal desses gêneros. Outros gêneros textuais e discursivos em hibridização foram utilizados pelo autor de modo a criar entre enunciador e destinatário, um fluxo de sentidos que dialogassem e estabelecessem conversações e críticas capazes de trazer à tona, novas formas de sentir a vida e o mundo.

REFERÊNCIAS

BABO, Maria Augusta. **Para uma Semiótica do Corpo**. In.: Revista de Comunicação e linguagens - O campo da semiótica, org. Maria Augusta Babo e José Augusto Mourão, Lisboa, Relógio D'Água Editores, 2001.

CARMELO, Luís. **Da Semiose Clássica à Mobilidade Global**. In.: Revista de Comunicação e linguagens - O campo da semiótica, org. Maria Augusta Babo e José Augusto Mourão, Lisboa, Relógio D'Água Editores, 2001.

ECO, Humberto (1932). **História da feitura**. Tradução de Eliana Aguiar, Rio de Janeiro: Record, 2014.

ÉLIS, Bernardo. **Obra Reunida (Coleção Alma de Goiás)**. In.: Contos Esparsos, Rio de Janeiro: José Olympio, 1987.

GONÇALVES, Ricardo Jr. de Assis Fernandes. **Cascalhos Inclementes: Garimpo e Violência no conto “Sua Alma, sua palma”, de Bernardo Élis**. Revista Sapiência: Sociedade, Saberes e Práticas Educacionais ISSN 2238-3565 v.9, n.1, p.87-106 (2020) Número Especial - Rede de Pesquisa em Geografia, Turismo e Literatura (REDE ENTREMEIO). ISSN 2238-3565 v.9, n.1, p.87-106 (2020). Número Especial - Rede de Pesquisa em Geografia, Turismo e Literatura (REDE ENTREMEIO). Disponível em [288224979.pdf \(core.ac.uk\)](https://www.redeentremeio.org.br/wp-content/uploads/2021/04/288224979.pdf). Acesso: 29 de outubro de 2021.

KOCH, Ingedore Villaça. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. 3ª ed. 11ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2015.

Disponível em: Segundo a Bíblia, o que é a Babilônia? - Respostas Bíblicas, Disponível em: <https://www.respostas.com.br/segundo-a-biblia-o-que-e-a-babilonia/#:~:text=Segundo...>
Acesso em: 29 de outubro de 2021.

MEIRELE, Marilucia Melo. **Os “bobos” em Goiás: enigmas e silêncios**. 1ª ed. – Goiânia: Editora UFG, 2014.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **A nova pragmática: fases e feições de um fazer**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

SOBRE A AUTORA

Divina Pinto Paiva

Mestre em Letras/Linguística pela UFG; Professora Adjunto I (aposentada) da Escola de Formação de Professores e Humanidades (EFPH) da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC GO); Pesquisadora do Grupo de Pesquisa em História, Educação, Cultura e Memória da Pós-Graduação – Doutorado em Educação da EFPH da PUC GO; Pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Hipermodernidade da Pós-Graduação Mestrado em Letras/Literatura da EFPH da PUC GO; Membro e Pesquisadora, Titular Cadeira51, Patrono: Goiandira Ayres do Couto, no Instituto Cultural e Educacional Bernardo Élis (ICEBE) aos povos do cerrado; Pesquisadora do Ponto de Cultura Imagem da Memória – Cia Express’Arte – na cidade de Goiás; Sócia e Pesquisa da Associação Frei Simão Dorvi, na cidade de Goiás; Pesquisadora do Grupo História Oral em Rio Verde.

Recebido em setembro de 2021

Aceito para publicação em novembro de 2021

Publicado em novembro de 2021